

## Juntas de Freguesia

CAPARICA, TRAFARIA, COSTA, CHARNECA E SOBREDA



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA



Centro de Arqueologia de Almada

Nossa Senhora  
do Cabo  
e os Círios da Caparica







# Nossa Senhora do Cabo e os Círios da Caparica

1\_ NOSSA SENHORA DO CABO \_ORIGEM E TRADIÇÃO \_p 5

2\_ OS CÍRIOS DA CAPARICA \_p 11

3\_ LOAS \_p 16

4\_ AS FREGUESIAS DE CAPARICA \_p 19

4.a Caparica 4.b Trafaria 4.c Costa 4.d Charneca 4.e Sobreda

5\_ BIBLIOGRAFIA \_p 31

CABO ESPICHEL \_pedra da mua



O CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA ASSOCIOU-SE À INICIATIVA PROMOVIDA PELAS JUNTAS DE FREGUESIA DE CAPARICA, TRAFARIA, COSTA, CHARNECA E SOBREDA, DE **RECRIAR A TRADIÇÃO DO CÍRIO A NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL**, ESPERANDO CONTRIBUIR PARA A DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA E DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DE ALMADA. NESSE SENTIDO, INICIOU UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO QUE, PARA ALÉM DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL, PASSOU PELA RECOLHA DE TESTEMUNHOS DE ALGUNS CIDADÃOS, QUE GENTILMENTE PARTILHARAM AS MEMÓRIAS QUE GUARDAM DO CÍRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO.

O culto a Nossa Senhora do Cabo Espichel é uma tradição marcadamente popular, sobre a qual escasseiam fontes escritas. Sobre os círios da margem sul do Tejo ficam por esclarecer algumas questões, para as quais esperamos encontrar resposta no futuro. A presente edição constitui, portanto, uma abordagem preliminar ao tema.

Com o objectivo de enquadrar historicamente o Círio do Cabo Espichel, tratam-se alguns aspectos relacionados com a sua origem e tradição. A dimensão local do culto é analisada no contexto da antiga paróquia de Caparica e das várias povoações que a compunham. Por último, apresentam-se algumas notas acerca da história e património de cada uma das actuais freguesias envolvidas na recriação do Círio, por forma a manter viva a sua identidade e memória colectiva.





CABO ESPICHEL \_terreiro do santuário

## Nossa Senhora do Cabo \_Origem e Tradição

Localizado num dos pontos extremos da costa ocidental portuguesa, o Cabo Espichel constitui um prolongamento natural do maciço montanhoso da serra da Arrábida, no extremo ocidental da península de Setúbal. Designado na Antiguidade como Promontório Barbárico, associado aos montes Barbáricos (serra da Arrábida), este lugar ermo, onde acaba a terra e começa o mar, foi desde a Pré-história um espaço sacralizado, eventualmente associado a romagens sazonais dos povos da região, que aí se dirigiam ritualmente no final do Verão para celebrar o ciclo das colheitas.

A devoção a Nossa Senhora do Cabo Espichel integra-se no quadro do culto mariano na Estremadura, que nesta região abarca também a Senhora da Arrábida e da Atalaia. É um dos locais de peregrinação visitados pelas populações rurais e piscatórias, em cumprimento de promessas colectivas e individuais. Estas romagens designam-se Círios, em virtude de os romeiros transportarem velas, ou mesmo o círio pascal (vela de grande dimensão, acesa na noite que antecede o Domingo de Páscoa).



No Cabo Espichel, a devoção a Nossa Senhora tem origem numa lenda que remonta ao século XIII, segundo a qual terá ocorrido um milagre ao largo do Cabo Espichel. Durante a noite, uma tempestade marítima ameaçava afundar um navio. Achando-se em perigo, a tripulação rogou por auxílio à Virgem, tendo desaparecido misteriosamente uma imagem sua que transportavam a bordo. Surgiu então sobre o Cabo uma luz avisadora. Enquanto a tempestade amainava, observaram a Senhora que subia a arriba montada num jumento. Na manhã seguinte, alguns tripulantes decidem ir a terra, subindo ao promontório, onde encontram a imagem desaparecida de Nossa Senhora. Entenderam então que esta havia escolhido esse lugar para permanecer e ser venerada.

Cerca de dois séculos mais tarde, regista-se outro milagre, envolvendo desta vez uma mulher de Caparica e um homem de Alcabideche, aos quais a Virgem apareceu em sonhos, indicando-lhes o Cabo Espichel como lugar onde se deveriam dirigir. Respondendo ao chamamento, e apesar da distância, decide cada um deles dirigir-se ao local. Encontrando-se ocasionalmente no caminho, a velha e o saloio fazem uma pausa para repousar. O homem de Alcabideche, mais cansado pela longa jornada, adormece, enquanto a caparicana ruma para o Cabo. Ao acordar, o homem retoma o destino que levava e, ao chegar ao local que lhe fora indicado em sonhos, encontra a mulher em oração junto da imagem de Nossa Senhora. Decidem então construir um abrigo para acolher a santa imagem, usando alecrim que abundava no local.

Uma terceira versão do aparecimento da imagem de Nossa Senhora no Cabo Espichel, refere que teria sido descoberta por lenhadores da Caparica, que a encontraram seguindo as marcas deixadas pelo muar (burro) que transportou a Senhora até ao cimo da rocha. Estas marcas, que sabemos hoje tratarem-se de trilhos de dinossáurio, estão na origem da designação de Pedra da Mua, pela qual se passou a identificar esta zona da arriba.

No local onde apareceu a imagem, veio a ser construída a Ermida da Memória, dedicada a Santa Maria da Pedra da Mua. Esse pequeno templo foi restaurado em 1758, data dos painéis em azulejo que decoram o seu interior, com cenas alusivas à lenda e à história do local.

As peregrinações ao Cabo Espichel que partiam da margem norte do Tejo foram designadas como Círio dos Saloios. A partir de 1430, devido à grande afluência deromeiros, é instituído o «giro», segundo o qual, em cada ano competia a uma das trinta paróquias envolvidas a organização da romagem ao Cabo. Em 1606 foi instituída a Confraria de Nossa Senhora do Cabo, responsável por organizar o Círio dos Saloios e em 1672 redigido um compromisso a regulamentar a celebração. Durante o século XVIII, o número de paróquias reduziu para vinte e seis. Em 1893 fez-se um novo compromisso, segundo o qual, a imagem da Senhora do Cabo passaria a peregrinar pelas freguesias saloias, visitando o Cabo Espichel apenas de vinte e seis em vinte e seis anos, o que, no entanto, não voltou a acontecer desde então.

**I**

**“...uma mulher de Caparica e um homem de Alcabideche, aos quais a Virgem apareceu em sonhos, indicando-lhes o Cabo Espichel como lugar onde se deveriam dirigir.”**





CABO ESPICHEL \_cirio de Palmela

Não abrangidas pelo compromisso estavam as oito paróquias da margem sul do Tejo, que realizavam o Círio ao Cabo em datas fixas ou móveis consoante o calendário litúrgico, entre a Páscoa e o final do mês de Setembro. Eram a Caparica, o Seixal, a Arrentela, Almada, Palmela, Azeitão, Sesimbra e Coina.

Em 1490, por iniciativa de D. João II, foi edificada a primeira igreja no Cabo Espichel, substituída no início do século XVIII pela igreja monumental que actualmente centraliza o terreiro. Em 1715 iniciaram-se as obras de construção das hospedarias que ladeiam o terreiro do santuário, destinadas a acolher os romeiros, que até então se alojavam em construções dispersas. Em 1770, D. José mandou construir o aqueduto e a casa da água para abastecimento dos romeiros durante as festas. D. João VI ofereceu, em 1784, uma berlinda (pequeno coche) destinada a transportar a imagem de Nossa Senhora no Círio dos Saloios. Vários monarcas e rainhas contribuíram com esmolas e alfaias para o culto, chegando a integrar o Círio como juízes. O interesse demonstrado pela Coroa em se associar a esta devoção popular, tão implantada nos arredores da capital, está patente na designação Real Círio dos Saloios.

Tradicionalmente, o cortejo do Círio era encabeçado pelo juiz, que transportava a bandeira, seguido por duas crianças (anjos) montadas em cavalos brancos e trajando como soldados romanos, que entoavam as loas (cânticos dedicados a Nossa Senhora). Seguia-se a imagem da Senhora do Cabo, transportada de berlinda (apenas no Círio

dos Saloios). Atrás vinham cavalos e carroças transportando os romeiros e os músicos.

Não obedecendo a um ritual rigoroso, as celebrações dos Círios no Cabo Espichel variavam em função dos organizadores, decorrendo regra geral durante vários dias, durante os quais se realizavam celebrações religiosas: missas e procissões, a par do arraial, com touradas, jogos populares e fogo de artifício. Em 1770, o rei D. José acompanhado pela família assistiu às festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, durante as quais tiveram lugar três touradas e foram oferecidos dezasseis bois para o bodo dos romeiros. Sabe-se ainda que durante o século XIX as festas no Cabo se prolongavam durante cinco dias, alojando-se os romeiros nas casas que lhes eram destinadas.

As revoluções sociais e políticas que marcaram a história de Portugal nos finais do século XIX e início do século XX, com destaque para a implantação da República, conduziram a uma repressão sobre as manifestações religiosas. Na sequência de assalto à Igreja de Alcabideche, o giro não se realizou entre 1910 e 1926. O Círio do Cabo perdeu a importância e a afluência que o caracterizavam, sem no entanto cair no esquecimento das gentes de ambas as margens da foz do Tejo, que ainda hoje mantêm viva esta tradição secular. O giro continua a realizar-se entre as freguesias da região saloia, enquanto a sul do Tejo, algumas paróquias como Palmela e Sesimbra realizam regularmente o Círio ao Cabo Espichel.

**I**

**“...o cortejo do Círio era encabeçado pelo juiz, que transportava a bandeira, seguido por duas crianças montadas em cavalos brancos e trajando como soldados romanos...”**





ALMADA \_ registo de azulejo \_ S. Marçal, N.ª. Sr.ª. do Cabo e St.º. António

## Os Círios da Caparica

Na margem sul do estuário do Tejo, eram as localidades de Almada, Caparica, Seixal, Arrentela, Palmela, Azeitão, Sesimbra e Coima, que tradicionalmente realizavam o Círio ao Cabo Espichel. Diferindo do Círio dos Saloios, que era organizado conjuntamente, contava com o apoio da coroa e envolvia uma população muito maior, os círios da margem sul eram organizados de forma independente por cada paróquia e segundo um calendário próprio. Contrariamente a Almada, onde a única memória que resta do Círio é o registo de azulejo do século XVIII junto ao Pátio do Prior do Crato, no Largo da Boca do Vento, o da Caparica, por envolver populações rurais e piscatórias, continuou a ocupar um lugar de destaque na religiosidade popular até ao século XX.



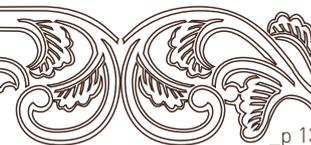
A paróquia de Caparica fora criada em resposta ao pedido dirigido pelos moradores ao Papa Sisto IV. A petição, apresentada por Isabel Gomes, viúva de Pedro Gomes Malafaya, conselheiro de D. João I, justificava a necessidade da criação da paróquia dada a grande distância a que ficava da vila, podendo assim os habitantes do lugar receber os sacramentos e ser sepultados em solo sagrado sem que para tal tivessem de se deslocar à sede do concelho. Existindo então uma pequena capela, era solicitada autorização apostólica para que fosse erigida uma pia baptismal, assim como a manutenção de um sacerdote, escolhido e mantido pelo povo. O pedido foi aceite e confirmado através de Bula Apostólica, datada de 12 de Dezembro de 1472. Desde então, a circunscrição da paróquia abarcava uma faixa litoral com cerca de vinte quilómetros no sentido norte - sul, e quinze no sentido este - oeste, ocupando uma vasta área rural onde residia a maioria da população do concelho de Almada, que até 1836 incluía o território do actual concelho do Seixal.

Dada a extensão da freguesia e o grande número de habitantes, as povoações e lugares da paróquia de Caparica encontravam-se divididas por varas, em função da proximidade e da localização geográfica, servindo esta divisão para regular a participação das populações no Círio do Cabo. Assim, no século XVIII, a paróquia encontrava-se dividida em cinco varas, nomeadamente: Fonte Santa; Funchal; Murfacém; Ribeiro e Sobreda, enquanto no século XIX, em virtude do desenvolvimento de algumas localidades em detrimento de outras, são identificadas quatro: a vara do Monte, que incluía o Porto Brandão; a da Costa, com o lugar de Vila Nova; a da Trafaria, com Murfacém; e a da Sobreda, com a Charneca. Competia a cada uma das varas realizar o Círio ao Cabo Espichel de cinco em cinco, ou de quatro em quatro anos, à semelhança do giro dos Saloios. Importa ainda observar que a separação da antiga circunscrição

administrativa da freguesia da Caparica por varas, identificando unidades territoriais, corresponde de alguma forma às actuais freguesias de Caparica, Trafaria, Costa, Sobreda e Charneca.

A Caparica esteve desde sempre indissociavelmente ligada à Nossa Senhora do Cabo, pois segundo a lenda foi uma mulher dessa paróquia a primeira a descobrir a imagem sagrada. Por outro lado, era por aqui que entrava o Círio dos Saloios após a atravessar o Tejo a caminho do Cabo. Aqui se localizavam os dois portos onde desembarcavam os romeiros e a imagem peregrina da Senhora do Cabo: a Banática, onde existiu uma ermida, entretanto desaparecida, que lhe era dedicada; e o Porto Brandão, onde ainda se encontra parte de um registo de azulejo alusivo à Senhora do Cabo. A passagem do Círio dos Saloios pelo Porto Brandão era um momento festivo para a população local. A imagem peregrina atravessava o Tejo em escaler da casa real, enquanto as fortalezas das margens disparavam tiros de salva. À chegada ao Porto Brandão, o Círio dos Saloios era recebido com foguetes e pela banda filarmónica da Sociedade Marítima do Porto Brandão. Aí era rezada uma missa, na Igreja dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso. Ao longo do seu percurso no concelho de Almada, o Círio passava pela Fonte Santa e Charneca em direcção a Alfirim, seguindo depois para o Cabo Espichel.

Não se conhece nenhuma confraria ou compromisso associado ao Círio da Caparica, sendo difícil conhecer de que forma a celebração se realizou ao longo dos séculos. Existe uma imagem da Senhora do Cabo que era venerada na Igreja de Nossa Senhora do Monte de Caparica, a qual, segundo António Correia, não acompanhava o Círio. Ao Cabo era levada em cortejo uma bandeira processional, transmitida anualmente, de vara em vara.



CABO ESPICHEL \_círrio da Costa



Os testemunhos recolhidos, remontam à primeira metade do século XX, altura em que a tradição já perdera a importância de que se revestira durante os séculos anteriores. No entanto, a memória desta devoção permanece nas gentes mais idosas, que recordam a festa, mesmo quando, não tendo participado na romaria ao Cabo, guardam a imagem do cortejo e a recordação das loas cantadas em louvor da Virgem. É possível identificar alguns dos aspectos que ainda são recordados, nomeadamente a organização do Círio pelas comunidades locais e a memória da sua passagem pelos lugares da freguesia.

Um dos círios a Nossa Senhora do Cabo, que ficou na memória dos habitantes da Sobreda, realizou-se no final da 2ª Guerra Mundial, em data imprecisa. Foi organizado por iniciativa da família Piano, em agradecimento pelo facto de um dos filhos, então a cumprir o serviço militar, não ter ido à guerra. Nesta romagem participou um grande número de pessoas, que se deslocaram a cavalo, em burros e carroças. O cortejo foi encabeçado por dois meninos vestidos de anjo e montando cavalos brancos, que entoaram as loas à saída da Sobreda e à chegada ao santuário. No terreiro realizou-se uma procissão e a celebração eucarística na Igreja. Cantaram-se as loas de despedida e, segundo recorda quem participou, o regresso à Sobreda aconteceu nesse mesmo dia.

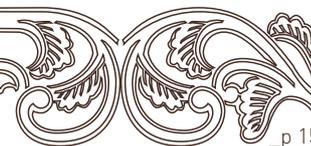
Alguns anos mais tarde, em 1948, foi a vez da Costa da Caparica realizar um Círio ao Cabo Espichel que, segundo se pôde apurar, foi o último realizado no concelho de Almada, desta feita organizado por uma das personalidades da Costa, conhecido como «Papo-seco». Conta quem se lembra da festa, que a procissão, com os meninos vestidos de soldados romanos montados em cavalos brancos e acompanhamento musical da banda da Casa dos Pescadores da Costa da Caparica, partiu da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e percorreu as ruas da aldeia até aos Capuchos. A partir daí a romaria prosseguiu em transporte motorizado até ao Cabo Espichel. Uma vez chegados, organizou-se novamente a procissão, à qual se seguiu a missa. Terminadas as cerimónias, os romeiros regressaram em autocarros.

Certamente mais círios se terão realizado durante o século XX no concelho de Almada, no entanto não foi possível datá-los ou identificar as localidades de origem. Neste contexto inserem-se memórias soltas dos tempos de infância, recordações das histórias contadas pelos familiares e a lembrança da passagem do Círio pela Charneca e pelo Monte de Caparica em direcção à Trafaria. A passagem do Círio, nomeadamente aquando do seu regresso, envolvia a população que assistia ou acompanhava o cortejo durante parte do percurso. Nas capelas das povoações por onde passava, os «anjos» montados a cavalo cantavam loas. Nas carroças enfeitadas com canas e flores, seguiam os romeiros, com tambores e outros instrumentos musicais.

Alguns romeiros, principalmente da Costa e da Trafaria, em cumprimento de promessas, iam ao Cabo a quando das festas, mas em pequenos grupos, seguindo ao longo da praia na maré vazia. Alguns destes romeiros permaneciam dois ou três dias no Cabo Espichel, partilhando o alojamento nas casas do Círio, assistindo às celebrações religiosas e divertindo-se no arraial.

Na memória dos mais velhos ficaram também as loas cantadas a Nossa Senhora. Os versos, geralmente escritos por poetas populares, correspondiam aos vários momentos do Círio, nomeadamente: a saída, a chegada ao santuário, a partida e a passagem da bandeira, símbolo da Senhora do Cabo, à vara que a guardava durante um ano até ao novo círio. As quadras eram cantadas alternadamente pelos dois «anjos», acompanhados no refrão pelo povo.

Recordando um passado em que a ruralidade caracterizava a maior parte do território do concelho de Almada, o Círio do Cabo, fortemente ligado às comunidades que viviam da agricultura, da pesca e da exploração dos recursos naturais da região, apresenta-se como um ritual religioso, mas também um espaço de ruptura com um quotidiano marcado pelo ciclo das estações e pelo trabalho árduo, que nos momentos de festa retempera as forças para enfrentar o Inverno que se aproxima.



## Loas

Na memória dos mais velhos ficaram também as loas cantadas a Nossa Senhora. Os versos, escritos por poetas populares, correspondiam aos vários momentos do Círio, nomeadamente: a saída, a chegada ao santuário, o regresso e a entrega da bandeira, símbolo da Senhora do Cabo.

As quadras eram cantadas alternadamente pelos dois «anjos», acompanhados no refrão pelo povo. A título de exemplo transcrevem-se algumas das loas cantadas nos círios da Sobreda e da Costa, alusivos a diferentes momentos da celebração.

## CHEGADA AO CABO

“Espaços Transculturais” Recriação dos Círios à Nossa Senhora do Cabo, Proformar, 2002.

### 1º Anjo

Eis o Cabo grandioso  
Onde a Virgem apareceu  
E o templo magestoso  
Que a fé então ergueu

Só eles e grande mar,  
Que em prece marulhava,  
E a brisa salutar  
Que a serra embalsamava.

As avesinhas cantavam  
Melodia encantadora  
Foi o hino que entoaram  
À virgem Nossa Senhora

A fé e a crença d'então  
Este templo erigiram  
Imorreδοiro padrão  
Que os tempos não derroiram

### 2º Anjo

Dizem que apenas dois entes  
Então aqui convergiram  
Predestinados videntes  
Que em sonhos a virgem viram

Despontava no horizonte  
O sol no límpido céu  
E na cumeada do monte  
Nossa Senhora apareceu

E lá no sopé da serra  
As ondas do mar imenso  
Espargiam sobre a terra  
Espuma em vez de incenso

Desde então aqui têm vindo  
Os crentes em romaria,  
Ver no santuário lindo  
A Virgem Santa Maria

### Ambos

Entrai romeiros entrai  
No templo da mãe de Deus  
Viva Deus que é nosso pai  
Virgem, eis os filhos que tens

## PARTIDA DA SOBREDA

Loa recolhida por Maria de Lurdes Seixas

### 1º Anjo

Sobreda, nobre Sobreda,  
Pérola da freguesia  
Ninguém há que te exceda  
Em fé à Virgem Maria

Após tempo decorrido  
Nós vamos com fé imensa  
Ver esse lugar querido  
Da nossa sincera crença

Já fartos de alimentar  
Saudades, da Santa Imagem  
Conseguimos realizar  
Esta humilde romagem

### 2º Anjo

Ides cumprir um dever  
Pelos teus maiores legado;  
Ides hoje reviver  
Belos dias do passado

Vamos pois com alegria,  
P'ra onde a fé nos impele  
Ver a Virgem Santa Maria  
Ó Cabo do Espichel

Vamos pedir-lhe por vós  
Que ficais à nossa espera  
Que Ela escute de nós  
A prece humilde e sincera

### Ambos

A caminho, pois romeiros  
Com fé, crença e devoção  
Como os antigos guerreiros  
Em prol da religião

## PARTIDA DO CABO

“Espaços Transculturais” Recriação dos Círios à  
Nossa Senhora do Cabo, Proformar, 2002.

### 1º Anjo

Vamos partir, que saudade  
Traz a hora da partida  
É bem triste na verdade  
Esta cruel despedida

Vão decorrer quatro anos  
De infinita saudade  
Para nós que tanto te amamos  
Ó terna mãe de bondade

Adeus ó virgem Maria  
Rainha dos altos céus  
Nosso amparo, nosso guia  
Neste mundo descarcéus

Adeus igreja majestosa  
Adeus plaga encantadora  
Adeus linda e bonançosa  
Praia de Nossa Senhora

### 2º Anjo

Punge-nos o coração  
A saudade que sentimos  
É grande a comoção  
Sempre à hora em que partimos

Só depois de decorrido  
Esse tempo a gente volta  
E até lá quanto gemido  
Pungente a nossa alma solta

Adeus ó farol brilhante  
Deste cabo grandioso  
É guia do mareante  
No grande mar proceloso

Adeus tudo que rodeia  
Este templo secular  
Por tudo nossa alma anseia  
Lá na Costa junto ao mar.

### Ambos

É-nos forçoso partir  
Adeus terna mãe de Deus  
Até tornarmos a vir  
Santa mãe, adeus, adeus

## CHEGADA À SOBREDA

Loa recolhida por Maria de Lurdes Seixas

### 1º Anjo

Sobreda, oh terra encantada  
Num vale verdejante e lindo  
Como estás engalanada  
Que prazer estais fruindo

Fomos pagar uma dívida  
Por saldar há muitos anos  
Na mente, perene, e vivida  
A fé de caparicanos

A Virgem imaculada  
Há-de-nos recompensar  
Dando-nos a paz almejada  
No nosso querido lar

### 2º Anjo

Nós também vimos, do Cabo  
Radeantes de alegria  
Por haveremos festejado  
A virgem Santa Maria

Nas muitas povoações  
Do nosso grande trajecto  
Foram sempre estes pendões  
Acolhidos com afecto

Ó Virgem Santa Maria  
Rainha dos altos céus  
Santificai este dia  
Daí a bênção aos filhos teus

### Ambos

A pé, romeiros, a pé  
Findou a nossa romagem  
Entrai no templo, e com fé  
Invocai a Santa Imagem

4

## As Freguesias de Caparica



MONTE DE CAPARICA\_igreja de N.ª, S.ª, do Monte

## Caparica

A Paróquia de Caparica foi fundada em 1472, tendo as restantes freguesias aqui tratadas sido desanexadas do seu território. Durante o século XVIII, conforme refere o inquérito paroquial de 1758, a principal povoação da freguesia era a Fonte Santa. Dada a sua localização na estrada que ligava Almada à Trafaria e junto à igreja paroquial, o Monte de Caparica torna-se sede de freguesia, tendo sido elevado à categoria de vila em 27 de Setembro de 1985.

Acerca do topónimo existem diversas versões, uma das quais remete para a lenda da capa com o forro cheio de moedas de ouro, que uma velha terá deixado em testamento ao rei, para custear a construção da igreja; enquanto outra refere que «capa rica» designava o manto da imagem de Nossa Senhora, por este ser ricamente decorado, graças ao contributo dos devotos.

No lugar do Monte, conhecido como Sitio da Igreja, existia ainda antes da criação da paróquia uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Monte, substituída pela igreja paroquial, construída em 1482 e reconstruída após o terramoto de 1755. Actualmente, mantém a traça do século XVIII, graças aos trabalhos de conservação a que tem sido sujeita. Destacam-se neste templo, composto por uma nave com capelas laterais e capela-mor, os painéis de azulejo com cenas alusivas ao poema bíblico Cântico dos Cânticos, bem como os altares em talha do século XVIII.

A zona norte do actual território da freguesia corresponde, grosso modo, aos limites do antigo «Reguengo de Caparica», conjunto de propriedades rurais que pertenciam à Coroa desde a reconquista cristã e onde se encontram os solos de maior aptidão agrícola da região. Sendo a vinha a cultura predominante, o cultivo de cereais teria também grande expressão, conforme se conclui pela localização da maioria dos moinhos de vento existentes no concelho de Almada.

Na frente ribeirinha virada a norte localizavam-se os portos pelos quais se fazia a ligação com Lisboa e escoavam os produtos da região. De entre eles destaca-se o Porto Brandão, povoação de pescadores e marítimos, onde se instalaram estaleiros de construção naval, fábricas de conservas e tanoarias. Na encosta nascente sobre o Porto Brandão, foi construída no século XV a Torre Velha de Caparica ou de S. Sebastião, com o objectivo de defender da entrada da barra do Tejo. Foi também este o local escolhido em 1867 para instalar o Lazareto, destinado às quarentenas dos viajantes ultramarinos, edifício utilizado posteriormente como asilo de órfãs, pela Casa Pia de Lisboa.

A propriedade rural encontrava-se dividida por diversas quintas, destacando-se a Quinta da Torre, instalada no lugar com o mesmo nome, e no pomar da qual foi erigida no século XVI uma ermida com a invocação de São Tomás de Aquino. Nessa quinta viveu o Conde dos Arcos, autor da monografia e roteiro, «Caparica Através dos Séculos», bem como o famoso poeta e gastrónomo Bulhão Pato.

Para sul, encontram-se os lugares de Pêra, onde ainda se conserva a paisagem rural da região, e Vila Nova. Na proximidade desta povoação situa-se o Convento dos Capuchos, fundado em 1558 por Lourenço Pires de Távora, com a invocação de Nossa Senhora da Piedade, e doado aos frades franciscanos da ordem dos Capuchos, que procuravam nesta região o isolamento propício à oração. O terramoto de 1755 reduziu a ruínas o antigo edifício, ficando de pé apenas a fachada da Igreja. Em 1950 foi adquirido pela Câmara Municipal de Almada, sendo construídos os actuais edifícios e os jardins, reabilitados em 2000 no sentido da sua utilização como espaço de lazer e fruição cultural.

# 4.a





TRAFARIA \_barcos de pesca

## Trafaria

A freguesia da Trafaria foi criada em 7 de Outubro de 1926 e elevada à categoria de vila a 9 de Junho de 1985. A circunscrição da freguesia abrange, para além da frente ribeirinha, uma vasta área que se desenvolve para sul, integrando dois tipos de ocupação do território, nomeadamente, uma zona de origem piscatória situada na margem do Tejo e na base da arriba, onde se localizam as localidades da Trafaria, do Torrão e da Cova do Vapor; e uma área rural sobre a arriba, onde se localizam, entre outros, os lugares de Murfacém, Corvina e Pêra.

Desconhece-se a origem da povoação. A pesca terá sido a principal actividade, que levou à fixação de comunidades humanas oriundas de outras regiões litorais, sendo que no século XIX a pesca, a construção de barcos e a confecção de redes ocupavam a maior parte da população activa. O próprio topónimo pode, segundo alguns autores, derivar da designação de uma rede de pesca chamada Tarrafa, que seria utilizada com mestria pelos pescadores da Trafaria. O porto de pesca da Trafaria, segundo Baldaque da Silva, era o principal da margem sul do Tejo.

O lugar de Trafaria é referido no século XVII, a propósito do Forte que, segundo Raúl Pereira de Sousa, aí foi mandado construir por Filipe II de Espanha, e reconstruído por D. Pedro II durante as Guerras da Restauração, o qual terá favorecido o desenvolvimento do povoado. Sabe-se ainda que o terramoto de 1755 destruiu a ermida de São Jerónimo, situada no local onde foi erigida no século XIX a Igreja de São Pedro. Data do século XVIII um dos episódios mais trágicos da história do concelho de Almada, e da Trafaria em particular: em 23 de Janeiro de 1777 um grande incêndio destruiu a maior parte das habitações de madeira e junco. O fogo terá sido ateado por ordem do Marquês de Pombal, como forma de capturar malfeitores e refractários ao alistamento militar que aí se haviam acoitado.

Durante o século XIX observou-se um maior desenvolvimento da localidade, com a instalação de algumas unidades industriais, nomeadamente, uma fábrica de dinamite, duas de conservas de peixe e outra de produção de guano de peixe, instalada no Forte, entretanto desactivado da sua função militar. A partir de finais do século XIX, dada a proximidade da capital, a Trafaria começa a ser frequentada pela burguesia abastada, que aqui se instala durante o Verão para tirar partido da praia, cujas virtudes para a saúde do corpo e da alma eram então enaltecidas por médicos e intelectuais. Associado à utilização banhar está o desenvolvimento urbano da povoação, com a construção de prédios destinados a alojar os veraneantes, e até um Casino. A partir de meados do século XX a Trafaria perde a sua vocação banhar a favor das praias da Costa, facto agravado pela degradação ambiental provocada pelo terminal cerealífero, instalado nos anos setenta do século XX.

O Património da freguesia caracteriza-se pelo conjunto edificado da vila, onde se podem observar edifícios decorados com azulejo e ferro, a par de casas tradicionais e com traços de arquitectura pombalina. Destacam-se ainda o Forte e Presídio, a igreja de Nossa Senhora da Conceição, templo do século XVIII destruído por um incêndio em 1835, e a Igreja Matriz, dedicada a São Pedro.

No cimo da arriba encontram-se ainda os redutos militares das Alpenas, construídos no século XIX para defesa contra possível desembarque nas praias da Trafaria, exemplos únicos de arquitectura militar no concelho de Almada. Entre os lugares de Murfacém e Pêra encontram-se ainda paisagens que testemunham o passado rural do concelho, com as suas quintas e campos agrícolas.

# 4.b





## Costa

A freguesia da Costa de Caparica foi criada por decreto de 12 de Fevereiro de 1949, desanexando território da Trafaria e da Caparica, inclusivé o lugar da Fonte da Telha. Foi elevada à categoria de vila a 9 de Junho de 1985 e de cidade a 9 de Dezembro de 2004. A povoação da Costa tem origem na actividade piscatória, realizada sazonalmente nas praias atlânticas que limitam a ocidente o concelho de Almada. A pesca era praticada por comunidades oriundas da zona de Ílhavo e Olhão, que a partir do século XVIII se instalaram permanentemente na região. Nessa época terá sido construída a primeira igreja, em madeira e junco, à semelhança das casas construídas pelos pescadores e que revelavam a influência da arquitectura popular da região de Aveiro, conhecida por «Palheiros». Segundo autores do século XIX, o primeiro edifício em alvenaria construído na Costa foi a casa do mestre de redes José dos Santos, conhecida por Casa da Coroa, onde em 1824 terá sido servida ao rei D. João VI uma caldeirada.

Os terrenos arenosos entre a praia e a arriba eram alagadiços e impróprios para o cultivo, sendo responsáveis pela proliferação de mosquitos e por frequentes surtos de paludismo. Até finais do século XIX, a pesca constituía a única actividade desenvolvida na zona. De entre várias técnicas de pesca tradicionais utilizadas nas praias da Costa, a arte Xávega era a principal, a qual consiste no arrasto para a praia de uma rede lançada de barco. A embarcação tradicional da Costa, conhecida por meia-lua por ter a popa e a proa elevadas e simétricas, em forma de crescente, está associada àquela arte de pesca.

A partir de 1883 iniciam-se, a partir da Trafaria, trabalhos de drenagem e florestação dos terrenos localizados na base da arriba, da responsabilidade dos Serviços Florestais.

A partir de então, começaram a cultivar-se as chamadas «Terras da Costa» com diversos produtos hortícolas. Em virtude das qualidades terapêuticas associadas ao clima e ao extenso areal, bem como pela proximidade da capital, a Costa recebe em 1925 o estatuto de estância balnear turística. Cinco anos depois foi construído o Hotel Praia do Sol, considerado na época como a melhor instalação hoteleira a sul do Tejo.

Devido às características dos materiais com que eram construídas as habitações tradicionais dos pescadores, madeira e junco, os incêndios eram frequentes e devastadores. O último grande desastre de que se guarda memória ocorreu em 1884, após o qual, por iniciativa do deputado às Cortes por Almada Jayme Artur da Costa Pinto, foi edificado o primeiro bairro habitacional em alvenaria.

Do património construído na freguesia, destaca-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, reedificada em 1880, em substituição da antiga em tabuado, graças ao contributo de João Inácio da Costa, filho da terra que regressou do Brasil onde estivera emigrado. A Casa da Coroa, cuja designação deriva do facto de apresentar numa das fachadas as armas de Portugal esculpidas em cantaria, foi demolida em 1996. Podem ainda observar-se nas ruas do núcleo urbano alguns exemplos interessantes de arquitectura, que mostram a influência das comunidades fundadoras, nomeadamente algarvia e da beira litoral, assim como alguns edifícios de veraneio que apresentam traça modernista, enquanto outros se inspiram na casa tradicional portuguesa, definida pelo arquitecto Raúl Lino. Importa no entanto não esquecer o património humano associado às memórias e vivências da população local, principalmente a comunidade piscatória, cujo labor marcou profundamente a história da Costa.

# 4.c





CHARNECA\_mata dos medos

## Charneca

A Freguesia da Charneca de Caparica, criada em 4 de Outubro de 1985, foi elevada à categoria de vila a 9 de Junho de 1993. Sendo a freguesia do concelho de Almada com maior área, abrange uma vasta mancha florestal, na qual se inclui a Reserva Botânica da Mata dos Medos e parte da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica.

Como o próprio topónimo indica, os terrenos que se localizam na zona sul do concelho, limitados a oeste pela arriba fóssil, eram na sua maioria arenosos e pouco apropriados à agricultura. No entanto, os recursos disponíveis, como a lenha, o mel e a caça, eram bastante explorados. Nesta paisagem abundavam diversas espécies arbustivas, com destaque para o zimbro, o tojo e o carrasco, que integravam um ecossistema onde, durante o século XVII, ainda era possível encontrar veados, javalis e lobos.

No final do século XIX, Joaquim Vieira Júnior designa a Charneca como a mais importante povoação da paróquia de Caparica. A exploração das lenhas constituía uma das principais actividades económicas e manteve-se até ao século XX. Era exercida por equipas de homens que se embrenhavam nas matas em jornadas de trabalho que duravam uma semana, para cortar, secar e atar em molhos as ramas de pinheiro. Regressavam a casa com os carregos transportados em carroças, carros de bois e mais tarde em camionetas. A lenha de pinho, bem como o carvão, produzido a partir da madeira da azinheira e do sobreiro, destinava-se em grande parte ao abastecimento de combustível à capital.

A povoação da Charneca compunha-se ainda de várias quintas, que mantinham uma actividade agrícola intensiva, com destaque para a vinha, as culturas de sequeiro e alguma fruta. Ao longo da estrada distrital, que assegurava a ligação com o concelho de Sesimbra, localizam-se alguns dos lugares mais antigos da freguesia, como Regateira,

Palhais e Marco Cabaço. Na ausência de igreja paroquial, era na capela da antiga Quinta do Solla, mais tarde adquirida pelo empresário teatral Vasco Morgado, que a população da Charneca assistia à eucaristia dominical, sendo também no pátio da mesma quinta que se realizava o arraial popular da festa anual da povoação.

Em virtude do isolamento e da paisagem bravia, foi a zona da Charneca escolhida para albergar espaços dedicados à vida religiosa. O mais antigo, entretanto desaparecido, era dedicado a Nossa Senhora da Rosa e pertencia à ordem dos religiosos de São Paulo. Este convento foi fundado nos princípios do século XV por Mendo Gomes de Seabra. No século XVIII, conforme refere a «Corografia Portuguesa» de António Carvalho da Costa, viviam nele vinte e quatro religiosos, de entre os quais se destacou Frei Domingos da Caridade, um eremita piedoso. Este espaço religioso era particularmente procurado devido a uma fonte, cuja água tinha propriedades terapêuticas para o tratamento das doenças da pele, como a lepra. O brasão da freguesia apresenta no centro uma imagem de Nossa Senhora da Rosa, padroeira do dito convento.

Outro importante recolhimento religioso localizado na actual freguesia da Charneca foi a propriedade adquirida no século XVI pelo Colégio Jesuíta de Santo Antão, conhecida como quinta de Vale Rosal, que servia como granja de exploração agrícola. A memória desta propriedade ficou marcada pela permanência no local de quarenta missionários jesuítas que, sob a direcção espiritual de Inácio de Azevedo, se preparavam para seguir para o Brasil em missão evangelizadora. Tendo os navios em que seguiam sido abordados por piratas calvinistas ao largo das Canárias, foram todos os missionários martirizados. Em memória do trágico incidente foi erigido um cruzeiro num outeiro próximo da quinta.

# 4.d





SOBREDA\_solar dos Zagallos

## Sobreda

A Freguesia da Sobreda foi criada em 4 de Outubro de 1985 e elevada a vila a 2 de Julho de 1993. A actual designação de Sobreda resulta da transformação do topónimo antigo «Suvereda» que, segundo Raúl Pereira de Sousa, terá origem na palavra latina Suber que significa sobreiro. Esta árvore da família dos carvalhos foi um dos elementos predominantes da paisagem primitiva da região, mas o abate em larga escala para a produção de carvão deu lugar a espécies de crescimento rápido, como o pinheiro bravo. A abundância de combustível poderá ter favorecido a instalação de duas unidades industriais de cerâmica vermelha que laboraram até à segunda metade do século XX.

A povoação da Sobreda, considerada uma das mais antigas da Caparica, é referida por Fernão Lopes na «Crónica de D. João I», a propósito da passagem por este lugar de Nuno Álvares Pereira com as suas tropas, a quando do ataque às forças castelhanas que haviam tomado a vila de Almada.

Segundo o Conde dos Arcos, a povoação dividia-se em Sobreda de Baixo e Sobreda de Cima, respectivamente para norte e para sul do actual Largo António José Piano Júnior, anteriormente designado por Largo do Rio em virtude de aí correr o riacho do Guarda-Mor, afluente da vala da Sobreda. Durante parte do ano, a água provinha também de uma bica, onde as mulheres lavavam a roupa.

Em 1677, foi fundado na Sobreda o Convento de Nossa Senhora da Assunção dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, habitado por frades até 1834, e do qual não restam quaisquer vestígios no local. Em 1745 foi criado o morgadio dos Zagallos, tendo como sede a Quinta de Cima, actualmente designada como Solar dos Zagallos, que incluía outras propriedades, como a Quinta de Baixo e a do Salgado. A Quinta da Genovesa foi propriedade da infanta D. Ana

de Jesus Maria, filha de D. João VI. Entre as propriedades da nobreza destacam-se ainda a Quinta da Graciosa, que pertenceu aos Condes de Porto Covo da Bandeira, a Quinta do Caiado, que apresenta sobre o portal o brasão dos Caiados e Azevedos, e a Quinta do Guarda-Mor, que pertenceu à família dos Vieiras, da qual descende Duarte Joaquim Vieira Júnior, autor da primeira monografia sobre a Caparica, publicada em 1897. Já no século XX, destaca-se a família Piano, com diversas propriedades na Sobreda, entre as quais o Solar dos Zagallos.

Do património edificado na freguesia, onde se incluem diversos elementos de arquitectura tradicional de características rurais, destaca-se o já referido Solar dos Zagallos. Construído no século XVII, foi sendo ampliado até ao século XIX. Para além das várias dependências habitacionais e de apoio à actividade agrícola, integra uma capela anexa, um jardim com um lago, um pavilhão de planta hexagonal, denominado casa da água, e duas ermidas, uma dedicada a Nosso Senhor dos Passos e outra designada de Santo António do Caiado. O conjunto foi adquirido em 1980 pela Câmara Municipal de Almada que, após obras de restauro, o abriu ao público como equipamento cultural.

Outro elemento importante do Património local é a Igreja de Nossa Senhora do Livramento. Quando foi edificada, em meados do século XVIII, era o único templo local aberto à população, uma vez que todas as outras capelas da zona eram privadas. O seu adro serviu, pois, de cemitério. Em 1753, foi aqui criada a Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, que encabeçava todas as festividades da paróquia da Caparica. O pequeno templo, reconstruído em 1888, é composto por nave e capela-mor com retábulo em talha.

4.e





PORTO BRANDÃO \_registo de azulejo \_N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. do Cabo

## Bibliografia

---

ADRIÃO, Vitor Manuel, «O Giro do Círio dos Saloios», [http://www.odivelas.com/activenews\\_view.asp?articleID=239](http://www.odivelas.com/activenews_view.asp?articleID=239)

ARCOS, Conde dos, **Caparica Através dos Séculos**, Vol. I, C. M. A., Comissão Municipal de Turismo, s.l., 1972.

CORREIA, António, **Divagando Sobre Caparica - Pedacos da sua História**, C. M. A., Costa da Caparica, 1973.

FLORES, Alexandre M., «Vila e Termo de Almada nas Memórias Paroquiais de 1758», in **Anais de Almada**, nº 5-6, C. M. A., Almada, 2004, pp.23-76.

GANDRA, Manuel J., **Círio de Nossa Senhora do Cabo Espichel - Aspectos mítico-simbólicos**, Comissão das Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, São Martinho, 2004.

JUNIOR, Duarte Joaquim Vieira, **Villa e Termo de Almada**, Vol. I, Imprensa Lucas, Lisboa, 1897.

MANGUCCI, António Celso, «O Registo de Azulejos de N.ª Sr.ª do Cabo em Almada», in **Al-madan**, nº 2 IIª série, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, 1993, pp.126-130.

PEREIRA, Paulo, **Cabos do Mundo e Finisterras**, Circulo de Leitores, s.l., 2005

PROFORMAR, Documentação elaborada no âmbito do projecto "Espaços Transculturais" Recriação dos Círios à Nossa Senhora do Cabo, Proformar, 2002.

SOARES, Manuel Lourenço, **Trafaria e a sua Toponímia** - subsídios para a sua História, C. M. A., Almada, 1986.

SOUSA, R. H. Pereira de, **Almada Toponímia e História**, 2ª ed., C. M. A., Almada, 2003.

VASCONCELOS, João, **Romarias**, Vol. II, Olhapim, Lisboa, 1998.

## Ficha técnica:

---

Título \_Nossa Senhora do Cabo e os Círios da Caparica

Edição \_Juntas de Freguesia de Caparica, Trafaria, Costa, Charneca e Sobreda

Pesquisa \_António Cristo, Francisco Silva

Textos \_Francisco Silva

Design gráfico \_Carla Palagem

Fotografia \_Francisco Silva, Centro de Documentação do C.A.A.

Revisão \_Elisabete Gonçalves, Carla Duarte

Produção \_Centro de Arqueologia de Almada

Apoio \_Câmara Municipal de Almada

Data \_2007

Tiragem \_3000 exs.

Impressão \_Grafema

Depósito legal \_



## Agradecimentos:

Adelaide do Carmo Silva, Ausine dos Santos Costa, Célia Rocha Figueiredo, Damásia, Elisa Suzete Lopes, Francisco Monteiro, Isabel Henriques, José Guilherme Xavier, Julieta Simões de Carvalho, Maria Amélia Silva, Maria Augusta, Maria Eduarda Monteiro, Maria Helena, Maria Helena Silva, Maria Júlia Pinto, Maria Lurdes Seixas, Maria Virgínia Pinto, Mário Alberto Alves, Mário Silva Neves, Noémia Maria Alves, Pe. Domingos Morais, Teresa Palma, Victor Reis.

